

X Reunião  
Escultura  
Romana  
na Hispânia

X Reunión  
Escultura  
Romana  
en Hispania

X Meeting  
of Roman  
Sculpture  
in Hispania

X  
Escultura  
*Roman*  
Romana *en*  
*Sculpture*  
na Hispânia  
*in Hispania*

2022

Portugal

Faro e Mértola

Algarve e Alentejo

27, 28 (Faro), 29 (Mértola)

Outubro / Octubre / October



## FICHA TÉCNICA

TÍTULO: Escultura Romana na Hispânia  
*Escultura Romana en Hispania*

SUBTÍTULO: Atas do X Encontro Internacional de Escultura Romana na Hispânia,  
realizado em Faro e Mértola de 27 a 29 de outubro de 2022  
*Actas de la X Reunión Internacional de Escultura Romana en Hispania,  
celebrada en Faro y Mertola los días 27 al 29 de octubre de 2022*

EDITORES: João Pedro Bernardes, Trinidad Nogales-Basarrate, Luís Jorge Gonçalves,  
Virgílio Lopes e Marco Lopes

EDIÇÃO: Universidade do Algarve – CEAACP

CONCEPÇÃO GRÁFICA – PAGINAÇÃO | ARTE-FINAL: Raquel Gil Ferreira

CAPA: Jorge dos Reis

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: Cláudia Matos

IMPRESSÃO E ACABAMENTOS: LouresGráfica

DEPÓSITO LEGAL: 537062 / 24

ISBN: 978-989-9127-89-0

DOI: <https://doi.org/10.34623/b48f-2k76>

Os textos e o seu conteúdo são da exclusiva responsabilidade dos respetivos autores.



Centro de Estudos  
em Arqueologia  
Artes  
e Ciências do Património



UAlg  
UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Esta publicação foi financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, IP, no âmbito do Projeto Estratégico do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património [UIDB/00281/2020 – DOI: 10.54499/UIDB/00281/2020].

FARO / LISBOA, OUTUBRO DE 2024

**Escultura romana icónica feminina  
do Santuário da Nossa Senhora  
da Lapa, Sernancelhe,  
Viseu**

**Luís Jorge Gonçalves**

– Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes,  
CIEBA

**Mila Simões de Abreu**

– Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro,  
Unidade de Arqueologia, CETRAD

**Cláudia Matos Pereira**

– Universidade de Lisboa, Centro de Investigação  
e de Estudos em Belas-Artes (CIEBA)

**Ana Nunes**

– Santuário de Nossa Senhora da Lapa,  
Sernancelhe, Viseu

**Resumo:** No Santuário de Nossa Senhora da Lapa foi descoberta uma escultura feminina com manto, cujo percurso tem sido atribulado. Neste momento, encontra-se no Museu Arqueológico do Alto Paiva. Neste artigo relatamos o percurso recente desta escultura e apresentamos as hipóteses associadas a um possível Santuário, com raízes pré-romanas.

**Palavras-chave:** Santuário, Escultura feminina, Lenda, Geologia.

## **Female Roman sculpture with a mantle from the Sanctuary of Nossa Senhora da Lapa, Sernancelhe, Viseu**

**Abstract:** The discovery of a female Roman sculpture with a mantle at the Sanctuary of Nossa Senhora da Lapa in Sernancelhe, Viseu, has sparked interest and raised intriguing hypotheses about its origins. This article recounts the sculpture's tumultuous journey to its current location in the Alto Paiva Archaeological Museum. Additionally, we explore the possibilities of a pre-Roman Sanctuary associated with the artifact, shedding light on its historical context and significance.

**Key words:** Sanctuary, Female sculpture, Legend, Geology.

### **Introdução**

A imponência geológica do lugar, onde se situa o Santuário de Nossa Senhora da Lapa, no Conselho de Sernancelhe em Portugal, deve ter motivado os humanos a considerarem-no como um espaço sagrado em pleno culto, quando da chegada dos romanos. A escultura feminina com o manto é mais um contributo para entendermos a apropriação de um espaço sagrado anterior, pelos romanos. Posteriormente, houve a sua cristianização, através de uma lenda, sendo nos séculos XVII e XVIII um Santuário com grande protagonismo, por ter ficado na responsabilidade da Ordem de Jesus ou Jesuítas. Esta escultura pode ter feito parte do processo.

### **1. Situação do Santuário de Nossa Senhora da Lapa**

Este Santuário situa-se no distrito de Viseu, com as seguintes coordenadas GPS: N 40 52.217' W 007 34.535' (40.87028, -7.57558), em Portugal. Está localizado na Serra da Lapa, uma vasta montanha, cujo ponto mais elevado é de 955 metros. O Santuário encontra-se a cerca dos 940 metros. A rocha dominante é o granito. A 600 metros do Santuário, a sul, em uma altitude de 630 metros aproximadamente, fica a nascente do Rio Vouga, que desagua na região de Aveiro.

No planalto onde situa o Santuário há uma grande fraga, ou batólito, de granito que possui, na sua máxima extensão 80 metros, por 30 metros. Orienta-se no sentido NW-SE. Nesta fraga destaca-se uma Lapa, ou

Abrigo, causado pela sobreposição de uma grande fraga. Estamos perante um abrigo natural que permite um percurso no seu interior, com entrada e saída.

Na atualidade, a Lapa está no interior da Capela de Nossa Senhora da Lapa, que a envolve completamente, sendo a passagem pelo seu interior o ponto mais importante da peregrinação.

## **2. Breve introdução histórica ao Santuário de Nossa Senhora da Lapa**

A geologia do local, associada à proximidade da nascente do Rio Vouga, foram determinantes para a sacralização deste espaço. Nunca foi realizado um estudo arqueológico neste sítio. Uma análise superficial à fraga, que serve de cobertura à lapa, permite observar “covichas”, um elemento não figurativo de arte rupestre. Também se observa um relevo de uma figura antropomórfica esquemática. Na parte da fraga que se encontra no exterior, há numerosas marcas que levam a pensar que houve estruturas não permanentes, talvez de madeira, que eram encaixadas (Simões & Nunes, 2023).

A cristianização do local está associada a uma lenda onde se refere que os exércitos de Almansor, no século IX, atacaram o Mosteiro Feminino de Arca, martirizando algumas religiosas. As sobreviventes conseguiram fugir com a imagem de Nossa Senhora. Após longa caminhada encontraram uma lapa, onde a esconderam. A imagem lá permaneceu oculta até 1498, quando foi descoberta por uma pastora muda, que a recolheu e cuidou dela em sua casa. No entanto, a sua mãe observando a atenção dedicada pela filha, atirou esta escultura para a fogueira. Aconteceram então os milagres, um dos quais, foi o retorno da imagem à lapa, onde esteve anteriormente escondida (Inês, 2019).

A partir dessa data, iniciaram-se as peregrinações à lapa. Cerca de 1555-59, o rei D. Sebastião, doou o Santuário à Companhia de Jesus. Em 1576, iniciou-se a construção das primeiras casas dos padres. No ano de 1609, Frei Bernardo de Brito registou por escrito, na “Monarquia Lusitana”, a lenda da aparição da imagem da Nossa Senhora da Lapa. Em 1635, concluíram-se as obras da atual capela. O Santuário de Nossa Senhora da

Lapa conheceu até 1757-59 uma época dourada com os Jesuítas. A expulsão desta ordem do reino de Portugal implicou um período de declínio, até 1793, quando a rainha D. Maria I doou o Santuário ao Bispo de Lamego, situação que ainda se mantém (Cardoso, 2007).

### 3. Notícias da escultura icónica feminina com manto

Não existem notícias antigas desta escultura. A mais antiga referência que foi possível identificar, remonta há cerca de oitenta anos. A senhora Maria Isaura Inês, natural do Santuário de Nossa Senhora da Lapa, antiga professora de português, com cerca de 83 anos, recorda-se de na sua infância se sentar na parte posterior da estátua, que estava no pátio da casa do padre. A irmã Lídia Nunes Lemos, de 69 anos, viu a estátua na parte posterior da Lapa, dentro da capela.

A notícia seguinte, desta escultura, é do arqueólogo João Inês Vaz que a descobriu no pátio da casa do padre, nos anos de 1990, mas nunca a publicou (Vaz, 2002). Levou-a para a Assembleia Distrital de Viseu, onde permaneceu até à sua morte, em 2015. Posteriormente, foi integrada no acervo do Museu Arqueológico do Alto Paiva, onde se encontra no presente.

### 4. A escultura icónica feminina com manto: a sua descrição

Esta escultura encontra-se muito fragmentada. Foi trabalhada em mármore branco. Na sua máxima altura apresenta 153 cm (figura 1), na lateral direita, da figura, tem 134 cm. A sua largura é de 52 cm. A parte frontal da figura está muito deteriorada, mas permite observar o panejamento. Na parte inferior está representada a túnica ou *chiton*, que foi cortada, com as pregas verticais. A representação da *stola* e da *palla* ocupam a maior parte da superfície. Do lado esquerdo da figura, as pregas da *palla* caem na vertical. Na parte inferior direita, as pregas caem na posição oblíqua. A representação da *stola* está muito deteriorada. Observa-se o contraposto através das pregas.

A parte posterior da escultura é plana (figura 2), revelando-se as marcas do trabalho do escultor para alisar a superfície. Na parte superior está a seguinte inscrição: AQUI JAS MIGUEL ROIZ E SVA MVLHER.

A lateral direita da figura foi objeto de um desbaste da pedra (figura 3 e 4). Este alisamento da parte posterior foi executado na origem da peça.

Esta escultura, apesar do seu estado de deterioração, parece estar próxima de um exemplar de Porcuna, na província de Jaén. Esta figura feminina com manto, está inserida na coleção Romero de Torres de Córdoba, datada do final da época augustana. Foi publicada por Baena, em 1984, e por López López, em 1998. Estes autores enquadraram-na em modelos tardo-helenísticos, mais precisamente no tipo Artemisia do Mausoléu de Halicarnasso (Baena, 1984; López López, 1998; Baena, 2001).

### 5. Hipóteses sobre a sua origem

Infelizmente não há informações abundantes sobre a origem da escultura e a respeito da história do Santuário de Nossa Senhora da Lapa, em período anterior à doação aos Jesuítas. Uma hipótese possível é que a lapa já fosse um espaço sacralizado desde a pré-história. As covinhas na parte superior da fraga e a gravura antropomórfica parecem corroborar essa hipótese. No período romano foi executada a escultura feminina. A hipótese é de ter ficado colocada no fundo da lapa, onde se encontra, atualmente, o altar. Esta escultura pode ter sido a imagem que deu origem à lenda de Nossa Senhora da Lapa.

Esta escultura icónica feminina com manto pode não ter sido a única proveniente daquele Santuário. No Museu de Lamego há uma escultura feminina com manto. Desconhece-se a sua proveniência. A informação mais antiga refere que esta faz parte do acervo do museu, desde a sua fundação em 1917, podendo ter transitado do anterior Museu Artístico Municipal de Lamego. A sua origem talvez esteja no Santuário de Nossa Senhora da Lapa. Possui uma composição cuidada, apesar da erosão da superfície, sendo evidente que se enquadra nos modelos clássicos. O contraposto, a disposição do *chiton* e da *palla* e o tratamento das pregas, são elementos desta linguagem que o artista dominava, não sendo exímio nos pormenores, como o esquemático tratamento das pregas. O *balteus*, descaído, encontra paralelo numa peça de Córdoba, enquadrada por Isabel López López no tipo *Hera Borghese*, datada dos princípios da época dos Júlios-Cláudios. Na *Baetica* estão documentados outros exemplares em

Bolonia, que apresentam as mesmas características estilísticas e tipológicas. A mesma autora referiu que os motivos em V das pregas, que caem sobre os seios e as verticais que desenvolvem no torso, remetem para a *Venus Genetrix*. Trata-se de um tipo arcaico, como chamaram a atenção Margarete Bieber e Cordelia Eule, utilizado na representação de divindades, como Juno ou Vénus, do Museo Nazionale Romano, e de personagens das famílias imperiais dos Júlios-Cláudios e dos Flávios, como a Domitia do Museu Lateranense (Souza, 1990; Gonçalves, 2007).

A hipótese de termos duas esculturas provenientes do Santuário de Nossa Senhora da Lapa pode reforçar a possibilidade de ter sido na época romana, um local de culto com muita importância regional.

## **6. Outros Santuários rupestres no período romano no território português**

No território português podemos identificar vários santuários rupestres (Vaz, 2002). Referem-se os casos dos Santuários de Fráguas de Panóias, em Vila Real, de Penedo das Pias dos Mouros, em Grafe, na Póvoa de Lanhoso, de Cabeço das Fráguas, em Benespera, na Guarda, e da Rocha da Mina/Endovélico, em S. Miguel da Mota, no Alandroal. Em alguns casos parece ter existido uma continuidade entre a época pré-romana e romana. Por outras palavras, houve uma apropriação, pela cultura romana, de locais de cultos já existentes.

O Santuário de Panóias, ou Fráguas de Panóias, em Vila Real, é um espaço amplo, com a paisagem marcada por três grandes fragas de granito. Nestas fragas foram escavadas diversas cavidades com escadas de acesso. Também foram gravadas inscrições, das quais três são em latim (uma delas destruída, mas que ficou o registo) e uma em grego. Nesses textos descrevem-se os rituais celebrados e aos deuses a quem eram dedicados. Na inscrição em grego há uma dedicatória a Serápis. As inscrições em latim dedicam-se genericamente aos deuses, havendo uma mais específica, com dedicatória aos deuses infernais. A prática de culto passava pelo sacrifício de animais. O seu construtor parece ter sido *C. G. Calpurnius Rufinus* pode ter iniciado o ritual nas Fráguas de Panóias, e onde os indígenas já faziam os seus cultos. Era, provavelmente, um alto funcionário

provincial romano, com origem grega. Não foram identificadas imagens, em particular esculturas, neste Santuário (Alföldy, 2002).

No município da Póvoa de Lanhoso, na freguesia de Garfe, localiza-se um santuário rupestre conhecido como “Penedo das Pias dos Mouros”. Comporta três cavidades retangulares, de diferentes dimensões, em um afloramento granítico (Coelho, 2022). Apresenta semelhanças com o Santuário de Panóias, no que se refere às pias escavadas no granito, embora não se conheça ainda nenhuma epigrafe. A implantação corresponde a um lugar elevado na paisagem, com os afloramentos graníticos bem destacados, como acontece no Santuário de Nossa Senhora da Lapa. Foi um espaço de culto pré-romano, onde houve uma continuidade.

O Santuário de Cabeço das Fráguas, na freguesia de Benespera, no concelho da Guarda está localizado em um sítio remoto, de acesso difícil, a uma altitude de 1015 metros, dominado pelos granitos. Desde os séculos VIII-VII a.C., que estão documentados vestígios de utilização do local. Foi um espaço de culto dos Lusitanos que transitou para a época romana. Neste Santuário é conhecida a única inscrição em língua lusitana e que está com caracteres latinos. Do período romano, foram identificadas vinte aras. Em uma fragua temos a inscrição que refere um *suovetaurilium*, ou seja, o ritual de sacrifício de três animais machos, um porco, uma ovelha e um touro. Há ainda a referência às divindades *Trebo-pala*, *Icona*, *Trebaruna* e *Reva*. Neste Santuário não há referência a qualquer escultura (Tovar, 1985; Schattner, Santos, 2010; Schattner, 2010).

O Santuário da Rocha da Mina e do Endovélico, em S. Miguel da Mota no Alandroal, comporta os dois locais referidos. A Rocha da Mina é um Santuário rupestre, em uma frágua abrupta sobre a Ribeira de Lucefecit. Está bem marcada a escadaria talhada na rocha que dá acesso ao topo da frágua, cuja área utilizável é reduzida (Schattner, Guerra, Fabião, 2005). Nas suas proximidades, há muros de xisto. Na continuidade da Ribeira de Lucefecit, chegamos ao monte de S. Miguel da Mota. Neste local está documentado um extenso Santuário, onde foram identificadas mais de oitenta inscrições latinas, cinquenta e sete esculturas de vulto e relevos (Gonçalves, 2007).

Foi um local de intenso culto por abranger grandes benefícios das condições de localização: situar-se mais a sul, muito próximo do anti-clinal de Estremoz, onde há abundantes pedreiras de mármore, e houve

oficinas de escultores na época romana, em resposta às necessidades da realização de imagens. Podemos dividir as imagens em dois grupos: as imagens da própria divindade e os ex-votos. As representações do deus Endovélico tiveram como modelo a do próprio Júpiter. Foram descobertas quatro cabeças. A principal representa um homem idoso, com barba. O olhar é frontal e com os olhos profundos e muito abertos. A barba e o cabelo são densos. Tem madeixas grossas e caracóis enrolados, conseguidos com incisões do ponteiro. Os cabelos cobrem as orelhas. A franja, na testa apresenta uma bifurcação. A boca está bem desenhada. Uma ruga curta, mas profunda, atravessa a testa.

O tipo iconográfico utilizado para o torso e para os membros não está ainda identificado. Surgiu hipótese de que poderia ser a de uma estátua *Schulterbauschtypus*, descoberta em 2002. Trata-se de uma representação de nu masculino, da qual se conserva o torso até meio das coxas. Falta a cabeça, o braço direito e as pernas abaixo do meio do fémur. Apresenta o protótipo do *contrapposto*, com a perna direita a servir de apoio e a esquerda a avançar, como se pode observar pelo confronto entre as linhas dos ombros e das ancas. Sobre o ombro esquerdo apoia-se a *chlamys*, que cai pelas costas e ocupa o espaço entre o torso e o braço esquerdo. A respetiva mão esquerda segura uma vara retangular e tem os dedos desproporcionados (Gonçalves, 2007).

## 7. Cristianização dos Santuários

Os três santuários têm em comum a sua associação a fráguas e ao facto de estarem em locais elevados, onde se domina uma vasta paisagem. Estes santuários podem ter entrado em declínio com a cristianização. Não é de excluir que os cultos continuassem, segundo práticas ancestrais. As Constituições Sinodais do Bispado de Lamego, de 1563, no seu “Titulo XVI, Das Procições, Constitvycam. IIII”, tem o seguinte título: “Proibição de culto nos cimos das Montanhas”. Neste título refere-se o seguinte: “Que nam vam com Procissam a outeyros, nem vsem de clamores, nem doutras abusões,...”. Claramente houve o objetivo de limitar práticas ancestrais que continuavam muito presentes na população. Mesmo que os habitantes, das proximidades dos sítios, fossem cristãos continuavam com as

suas tradições. Havia dois processos (mesmo ainda no século XVI) para impedir que as práticas pagãs continuassem: proibir ou cristianizar. No caso do Santuário do Endovélico surgiu a capela de S. Miguel da Mota. No Santuário de Nossa Senhora da Lapa o processo de doação, aos Jesuítas, pode estar ligado a uma intensificação da cristianização.

### **8. Hipóteses sobre a escultura romana feminina no Santuário de Nossa Senhora da Lapa**

A escultura romana com manto, que analisamos neste artigo, pode ter permanecido *in situ* até ao século XVII, quando os Jesuítas a retiraram da Lapa. Houve uma reutilização da escultura como pedra sepulcral, ainda no século XVII, e de que resta a inscrição: "AQUI JAS MIGUEL ROIZ E SVA MVLHER". Em data desconhecida foi colocada no pátio da casa do reitor do Santuário, como banco de jardim, com a parte posterior para cima, onde permaneceu até aos anos de 1990.

As hipóteses de história desta escultura podem remontar ao período Júlio-Cláudio, em plena época de colonização do território. Talvez seja provável que populações romanas ou romanizadas tenham encomendado uma escultura para figurar em um Santuário já cultuado.

A proximidade da nascente do Rio Vouga, a altitude, as fráguas e a existência da Lapa, foram atrativos para o surgimento de um Santuário. A escultura feminina com manto foi uma encomenda específica para ser observada frontalmente. A parte posterior atesta esse facto. Pode ter estado no interior da lapa.

Deve ter permanecido desde a época romana, talvez o período Júlio-Cláudio, tendo-se transformado na Nossa Senhora da Lapa, a qual foi retirada, possivelmente, no século XVII.

### **Conclusão**

A escultura feminina com manto do Santuário de Nossa Senhora da Lapa é acompanhada de uma história ainda com muitas lacunas. Encontrando-se na atualidade no Museu Arqueológico do Alto Paiva é importante que regresse ao seu local de origem, de onde foi retirada nos anos

noventa, do século XX. Constituiu uma peça importante para explicar a origem do culto. Apesar de estar muito fragmentada, não deixa de dar indícios que apontam para se enquadrar no tipo Artemísia do Mausoléu de Halicarnasso, um protótipo muito popular na época Júlio-Cláudia. Esta datação ampla pode significar a apropriação do Santuário anterior, pela cultura romana. Como aconteceu no Santuário do Endovélico, houve a encomenda de uma escultura romana para uma divindade feminina. Esse propósito pode ser reforçado quando se observa a parte posterior da figura que está lisa, o que indicia uma conceção para ser vista frontalmente.

Deve ter permanecido no local, talvez até ao século XVII, quando foi retirada na sequência das obras empreendidas pelos Jesuítas. Infelizmente desse período não nos ficou nenhuma referência. Talvez tenham existido duas estátuas icónicas femininas no Santuário de Nossa Senhora da Lapa. A segunda pode ser a escultura feminina com manto, que se encontra no Museu de Lamego (figura 5). É de proveniência desconhecida, dando entrada no museu antes de 1917, fazendo parte do acervo com que o Bispo de Lamego, D. Francisco José Ribeiro de Vieira e Brito (1901-1922), pretendeu criar um museu episcopal, nos primeiros anos do século XX, antes da instalação da República, em 1910. O Santuário de Nossa Senhora da Lapa depende da Diocese de Lamego.

Esta escultura icónica feminina, do Santuário de Nossa Senhora da Lapa, chama-nos a atenção para que no processo de romanização houve a apropriação de espaços sagrados indígenas, por parte das populações romanas. Os casos referidos das Fráguas de Panóias, Penedo das Pias dos Mouros, Cabeço das Fráguas e Rocha da Mina/Endovélico, têm em comum a apropriação de sítios altos com fráguas e na proximidade a rios. As investigações nestes locais ainda não nos revelaram tudo, nomeadamente a existência de arte rupestre, na região circundante. Na lapa, do Santuário de Nossa Senhora da Lapa, parece haver indícios de arte rupestre. É conhecida a informação de Estrabão: “Alguns dizem que os Galaicos não têm deuses e que os Celtiberos e os seus vizinhos a norte [fazem sacrifícios] a um deus sem nome, na lua cheia, à noite, diante das portas, e todos os membros da família dançam e ficam de vigília toda a noite” (Estrabão, III.4.16). Estas palavras de Estrabão significam uma falta de compreensão da cultura greco-romana por práticas religiosas sem imagens, mas muito centradas em elementos naturais, da geologia,

da biologia e da astronomia. No caso da imagem da escultura romana com manto do Santuário de Nossa Senhora da Lapa, simboliza uma nova etapa religiosa do território português. Na continuação da investigação sobre esta escultura pretende-se realizar análises ao seu mármore, para determinar a proveniência do mesmo.

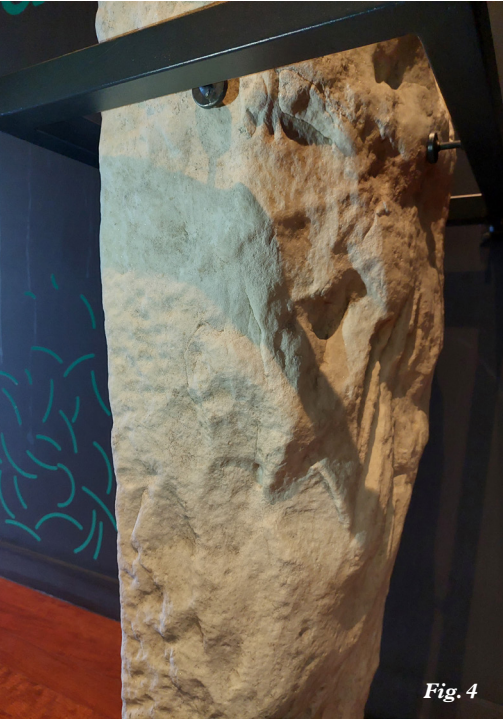
**Agradecimentos:** Agradecemos o apoio à Fundação de Ciência e Tecnologia (FCT) e ao Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes (CIEBA).





*Fig. 3*





*Fig. 4*



*Fig. 5*

## Legendas das Figuras

**Figura 1**, Parte frontal da escultura feminina com manto do Santuário de Nossa Senhora da Lapa. Fonte: Luís Jorge Gonçalves.

**Figura 2**, Parte posterior da escultura feminina com manto do Santuário de Nossa Senhora da Lapa. Fonte: Luís Jorge Gonçalves.

**Figura 3**, Lateral da escultura feminina com manto do Santuário de Nossa Senhora da Lapa. Fonte: Luís Jorge Gonçalves.

**Figura 4**, Detalhe da lateral da escultura feminina com manto do Santuário de Nossa Senhora da Lapa. Fonte: Luís Jorge Gonçalves.

**Figura 5**, Estátua icónica feminina que se encontra no Museu de Lamego. Fonte: (Gonçalves, 2007: n.º 30).

## Bibliografia

### Fontes:

*As Constituições Sinodais do Bispado de Lamego* (1563). Coimbra: Impressão de Ioam de Barreyra.

Estrabão, *Geografia*. Livro III (introdução, tradução do grego e notas: Deserto, Jorge & Pereira, Susana da Hora Marques (2017). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 77-78). ISBN:978-989-26-1225-6 DOI: DOI:https://doi.org/10.14195/978-989-26-1226-3.

### Estudos:

Abreu, Mila Simões de & Nunes, Ana (2023). “A imagem revelada de Nossa Senhora da Lapa”. *Revista Santuários 9/10*. Lisboa: Faculdade de Belas-Artes/Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes/Universidade Federal Fluminense/Centro de Artes/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (no prelo).

Alföldy, Géza (2002). “Panóias: o santuário Rupestre”. José Cardim Ribeiro, *Religiões da Lusitânia, Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 211-222.

Baena del Alcázar, L (1984). “Tres esculturas femininas, romanas, de Andalucá”. Madrid: Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología. 20, 25-29.

Baena del Alcázar, L. (2001), “Tipologia de las Esculturas Femeninas Vestidas de Hispana”, in P. León e T. Nogales Basarrate (ed.), *Actas da III Reunión sobre Escultura Romana en Hispania*. Córdoba, 1-24.

Cardoso, Arnaldo Pinto (2007). *Santuário da Lapa: História e Tradição*. Barcelos: Alêtheia Editores.

Coelho, José Abílio (2022). *Paróquia de S. Cosme e Damião de Garfe*. Braga: Paróquia de Garfe.

Inês, Maria (2019). *A Lenda da Lapa*. Viseu: Rainho e Neves.

Gonçalves, Luís Jorge (2007). *Escultura romana em Portugal: uma arte no quotidiano*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.

López López, Isabel María (1998). *Estatuas Masculinas Togadas y Estatuas Femininas Vestidas de colecciones Cordobesas*. Córdoba: Universidad de Córdoba.

Schattner, Thomas; Guerra, Amilcar & Fabião, Carlos (2005). “La investigación del santuario de Endovelico en São Miguel da Motta (Portugal)”, *Paleohispanica – Revista sobre Lenguas y Culturas de la Hispania Antigua*, 893-908.

Schattner, Thomas (2010). “Breve observação sobre a representação processional no ocidente hispânica”. *Revista de Estudos Ibéricos 6, Iberografias. Atas da Jornada realizadas no Museu da Guarda*. Guarda: Centro de Estudos Ibéricos, 109-130.

Santos, Maria João & Schattner, Thomas (2010). “O santuário do Cabeço das Fráguas através da arqueologia”. *Revista de Estudos Ibéricos 6, Iberografias. Atas da Jornada realizadas no Museu da Guarda*. Guarda: Centro de Estudos Ibéricos, 89-108.

Souza, Vasco de (1990). *Corpus Signorum Imperii Roman – Corpus der Skulpturen der Römischen Welt - Portugal*. Coimbra.

Tovar, A. (1985). “La inscripción del Cabeço das Fráguas y la lengua de los Lusitanos”, *Actas del III Coloquio*

sobre *Lenguas y Culturas Paleohispanicas*, *Universidad de Salamanca*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 227-254

Vaz, João Inês (2002). “Tipologia dos Santuários rupestres de tradição hispânica em território português”. José Cardim Ribeiro, *Religiões da Lusitânia, Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 39-42.

